

Na Cartola de um Mágico: práticas criativas e relações raciais em uma oficina de samba

*Eloísa Costa Gonzaga*¹

*Carlos Eduardo Romão*²

*Camila Costa Zanetta*³

*Viviane Beineke*⁴

Recebido em: 29/08/2019

Aprovado em: 30/10/2019

DOI: 10.5965/2358092521222019178

¹ Licenciada em música pela UDESC e mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Música - UDESC. E-mail: elo07gonzaga@gmail.com

² Licenciado em música pela UDESC e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Música - UDESC. E-mail: dudocavaco@gmail.com

³ Doutora em música pela ECA/USP, professora de música da rede municipal de Florianópolis. E-mail: camilazanetta@hotmail.com

⁴ Doutora em música pela UFRGS, com pós-doutorado pela Ludwig-Maximilians-Universität München – LMU/Alemanha. Professora do DMU/CEART/UDESC e coordenadora do Programa de Pós-graduação em música da UDESC. E-mail: vivibk@gmail.com

RESUMO

O artigo focaliza o processo de composição e gravação do samba-enredo *Na Cartola de um Mágico*, numa Oficina de Samba para crianças. Além da prática musical, o objetivo do trabalho foi compreender as matrizes do samba por meio de artistas que são referência nesse gênero musical, dando visibilidade a sambistas negros e negras e problematizando o seu contexto histórico e social. O tema para a composição foi escolhido coletivamente pelas crianças, que decidiram homenagear Angenor de Oliveira, o “Cartola”, grande referência do samba brasileiro. No processo de composição, as crianças puderam vivenciar práticas criativas interagindo com questões étnico-raciais, valorizando suas compreensões e diálogos nas tomadas de decisão. Acreditamos que processos pedagógico-musicais dessa natureza permitam transformar olhares para as relações étnico-raciais na Escola Básica e na Universidade, em trabalho construído com base em posicionamentos políticos de superação do racismo e das desigualdades raciais.

Palavras-chave: *educação musical; relações raciais; práticas criativas; oficina de samba.*

ABSTRACT

This article focuses on the process of composing and recording the samba theme song *Na Cartola de um Mágico* (“*In a Magician Hat*”) at a samba workshop for children. The objectives of this research were to address music practice as well as provide further insights into the origins of samba through artists who are references in this musical genre, giving visibility to black samba composers in addition to analyzing and discussing their historical and social context. The theme for the composition was chosen collectively by the children, who decided to pay tribute to Angenor de Oliveira, also known as “Cartola”,

a great reference of Brazilian samba. In the composition process, children experienced creative practices while interacting with ethnic-racial issues, and they had the opportunity to value their understanding and dialogue in decision making. We believe that these music teaching processes can change the way ethnic-racial relations are seen at elementary school and at university through work developed on the basis of political positions for the purpose of overcoming racism and racial inequalities.

Keywords: *Musical education; Race Relations; Creative practices; Samba Workshop.*

INTRODUÇÃO

Este texto apresenta e discute o processo de composição e gravação da canção *Na Cartola de um Mágico*, trabalho desenvolvido numa Oficina de Samba para crianças, oferecida como projeto de extensão do Programa Música e Educação (MUSE), na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). A proposta partiu de conversas entre estudantes e professores do curso de licenciatura em música, durante a disciplina de estágio curricular obrigatório em comunidade.

A aproximação com o samba e a escolha do tema para o projeto de estágio foram motivadas principalmente pela vivência dos estagiários com esse repertório, pois ambos são negros e desenvolveram sua musicalidade em contextos de cultura afro, sendo o samba prática sempre presente no âmbito familiar. Compreendendo que esta proposta se conecta à discussão e problematização de questões relacionadas aos conteúdos afro-brasileiros na educação musical, buscamos realizar intervenções musicais e pedagógicas que despertassem o interesse das crianças, refletindo sobre as diferenças culturais, enquanto promovessem e estimulassem a criatividade nas práticas musicais. E considerando que a disciplina de estágio constitui mo-

mento em que podem ser articulados os saberes pedagógicos desenvolvidos no curso e os saberes musicais dos estagiários, foi oferecida a oficina de samba à comunidade.

Importante destacar que o samba não foi um gênero muito valorizado nas disciplinas do Curso de Licenciatura em Música, cujo currículo, em termos musicais, ainda está mais fundamentado nos cânones da música erudita. Segundo Queiroz (2017), é necessário repensar modos de ensino e aprendizagem que garantam um currículo mais diversificado, problematizando a formação nos cursos de Música e, em especial, a formação de professores.

“EM TEMPOS IDOS, NUNCA ESQUECIDOS, NESSE MUNDO QUE É UM MOINHO”⁵

A diversidade faz parte da formação cultural brasileira, mas a realidade nos mostra um contexto de desigualdades e hierarquia entre culturas. Nesse sentido, estudos entre os campos de educação musical e relações raciais (PRASS, 1999; CARVALHO, 2016; GOMES, 2018; BATISTA, 2018) buscam compreender como essas desigualdades operam, principalmente quando falamos em cultura afro-brasileira e indígena no Brasil. Como defendem Zubaran e Silva (2012, p. 134), no âmbito da educação escolarizada em seus diferentes níveis, é preciso refletir sobre a construção de currículos que não silenciem a diversidade étnico-racial, de modo a expressar, sem estereótipos nem preconceitos, as contribuições e visões de mundo dos diferentes grupos étnico-raciais que compõem a nação brasileira.

A educação brasileira vem consolidando políticas públicas voltadas a ações afirmativas para a população afrodescendente, trazendo desafios à educação musical e à formação de professores de música nas universidades (LUCAS et al., 2016). É necessário desenvolver abordagens que permitam inserir saberes

⁵ Trecho da letra da composição musical *Na cartola de um mágico*, discutida neste artigo. Os próximos subtítulos entre aspas citam a mesma canção.

das culturas afro-brasileiras nas escolas e que superem a mera inclusão de novos repertórios e práticas. Como destacam Lucas et al. (2016, p. 239), os professores de música precisam desenvolver um acervo conceitual, simbólico e estético dessas práticas, para que possam incorporar esses saberes de forma a promover uma educação musical multicultural interétnica no Brasil.

Entretanto, é importante considerar que as instituições universitárias brasileiras se pautam, essencialmente, em modelos de seleção e transmissão de conteúdos musicais importados das tradições europeias ocidentais modernas (CARVALHO et al., 2016, p. 201). Nesses moldes, saberes populares e tradicionais são sistematicamente excluídos dos currículos formais, privilegiando culturas escritas, em detrimento da oralidade. Como argumentam Carvalho et al. (2016), tal lógica também tende a mascarar os juízos de valor e hierarquias seculares de cunho racista e colonialista.

Todavia, esses saberes tradicionais, bem como seus modos informais de transmissão e aprendizagem, constituem um riquíssimo corpus teórico-prático que, se incorporado ao currículo universitário, apontará outras formas de ensino aprendizagem, abrindo assim novas possibilidades e alternativas metodológicas aos modelos europeus instituídos e em voga nas universidades brasileiras. (CARVALHO et al., 2016, p. 203).

Nesse sentido, a ideia de conceber uma educação que reflita sobre as tradições culturais das comunidades afrodescendentes, com seus saberes e valores contra-hegemônicos, está condicionada por uma série de fatores sociais e políticos, ainda em processo de construção (LUCAS et al., 2016).

O desafio para estudiosos e educadores que consideram a importância fundamental da força e do poder da música como fenômeno da cultura é promover nas instituições de ensino uma educação musical que, de forma consciente, coerente e contextualizada com a complexidade e os valores que permeiam cada cultura, promovam, de fato, um diálogo entre saberes e entre os diferentes sujeitos promotores desses saberes. Para isso, tal

diálogo deve ser pautado na diversidade e no direito à igualdade, de tal forma a não estigmatizar determinadas culturas e não relegar saberes historicamente excluídos a pano de fundo das ações educativo musicais. (LUCAS et al., 2016, p. 242).

A todos esses desafios, deve-se acrescentar o fato de que a maior parte dos professores dos cursos de música não provém de comunidades afrodescendentes e também não teve uma formação próxima às ideias defendidas acima. Segundo Lucas et al. (2016), uma via para mudar isso são os estudos etnomusicológicos, que podem contribuir para a construção de olhares capazes de lidar com as complexidades das diferentes culturas brasileiras. Tais estudos podem evitar entendimentos ingênuos e reducionistas, permitindo pensar a diversidade cultural em profundidade e “evidenciar a dimensão culturalmente específica dos aspectos supostamente universais que compõem o conceito de música naturalizado de grande parte das instituições escolares, ainda marcadas pelo monoculturalismo dominante” (LUCAS et al., 2016, p. 253-254).

Essas reduções não apenas descaracterizam a realidade sonoro-musical tal como entendida e vivenciada por seus praticantes, como minimizam e depreciam essas tradições expressivas, anulando sua complexidade, seus valores, suas regras, e suas formas particulares e alternativas de existência, incluindo as práticas de sociabilidade a elas associadas. (LUCAS et al., 2016, p. 251).

Na UDESC, as dificuldades encontradas no processo de formação de professores de música se aproximam dessas apontadas em cenário mais amplo, cabendo perguntar: “como fazer falar o silêncio sem que ele fale necessariamente a linguagem hegemônica que o pretende fazer falar?” (LUCAS et al., 2016, p. 253). Índícios de mudança, resultantes das atuais políticas educacionais, já podem ser percebidos no interior do curso de Licenciatura em Música, com o aumento, mesmo tímido, de estudantes negros. São estudantes que trazem, de primeira mão, outras vozes. Vozes que carregam consigo outras músicas, outros modos de aprender, de viver e de ensinar música, experi-

ências e saberes pouco reconhecidos ou mesmo pouco valorizados no currículo formal da Universidade.

“COMO SEU CRIADOR, LÁ NO MORRO NASCEU MANGUEIRA”

A proposta da Oficina de Samba para crianças foi motivada pelas histórias de vida dos estagiários Eloísa Costa Gonzaga e Carlos Eduardo Romão, apresentados a seguir, as quais estão atreladas ao cenário do samba e às religiosidades afro-brasileiras na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina. É oportuno observar que, mesmo morando em bairros diferentes da parte continental de Florianópolis/SC, as histórias dos dois estagiários trilham um caminho parecido em relação aos processos de aprendizagem, pois em ambos os casos esta se deu principalmente através da observação, da vivência e da organização das rodas de samba em família e dos rituais religiosos. Seus avós, nascidos entre os anos de 1905 e 1917, eram músicos conhecidos na cidade por organizar e executar as rodas de samba que aconteciam geralmente no fundo dos quintais e que também serviam como “esquenta” dos carnavais. Além da comunidade envolvida, nessas rodas estavam presentes vários músicos da cidade. Eram pontos de encontro de diversas festividades, regadas sempre a samba e choro, num universo de carnaval. Hoje em dia, os dois se tornaram músicos, com formação iniciada nas rodas de samba em família. Além disso, em 2016, quando foi proposta a oficina, comemorava-se o centenário do samba por todo o território brasileiro.

Carlos Eduardo Romão, conhecido como “Duh do Cavaco”, tem uma vivência com o cavaquinho desde a pré-adolescência, tocando em diversos grupos de samba, pagode, samba-enredo e atualmente em grupo de choro. Quanto ao carnaval, participou como cavaquinista em diversos blocos carnavalescos e também em escolas de samba: Os Protegidos da Princesa (2002-2003), Florianópolis/SC; Imperadores do Samba (2003-2007), São Francisco do Sul/SC; Amigos Caramuru (2012-2014), Florianópolis/SC;

e atualmente está na Nação Guarani (2017), Palhoça/SC. Além dessas atividades, também atua como professor de cavaquinho e violão em diversas escolas da Grande Florianópolis.

“...meu avô nunca foi ao Rio de Janeiro, mesmo assim, ele já fazia samba desde a sua infância” (Eduardo Romão, 2018).

Eloísa Costa Gonzaga se formou musicalmente nas rodas de samba, atuando como cantora em trabalhos diversos, incluindo shows, gravações em estúdio e peças teatrais. Desse modo, pôde desenvolver a veia artística e o canto no contato com grandes referências do samba na atualidade, como Dona Ivone Lara, Beth Carvalho, Leci Brandão, Nelson Sargento, Dona Zica da Mangueira e Nei Lopes, entre outros. O universo do carnaval também é uma referência muito viva. Nas memórias de infância, lembra da mãe confeccionando fantasias para a escola de samba Unidos da Coloninha. Posteriormente, continuou nesse universo como cantora do carnaval de Florianópolis, defendendo e desfilando os sambas na escola de samba “Os Protegidos da Princesa” (2010- 2018) e também pela “Embaixada Copa Lord” (2000- 2006). Eloísa também tem experiência como professora de música em escolas de educação básica, além de atuar profissionalmente como cantora de samba⁶.

A partir das experiências musicais dos estagiários, somadas a estudos sobre a história e as matrizes do samba do início do século XX até os dias atuais⁷, em diálogo com a equipe do projeto, foi elaborado o projeto de estágio detalhado a seguir. Convém salientar que este projeto, além de considerar o ambiente de aprendizagem social, familiar e acadêmico dos estagiários, origina-se da necessidade de pensar o gênero samba enquanto território de afirmação de um grupo que constitui as múltiplas identidades na sociedade brasileira.

6 Em 2018 Eduardo e Eloísa ingressaram no Curso de Mestrado em Música do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGMUS), UDESC.

7 Sobre as matrizes do samba ver Lopes e Simas (2015).

“AQUI NA OFICINA O SAMBA DECOLA, VOU CANTAR CARTOLA...”

O Programa de Extensão Música e Educação (MUSE), vinculado ao Departamento de Música da UDESC, proporciona, dentre outras ações, as Oficinas de Música para Crianças. Desenvolvidas anual e ininterruptamente desde 2011, as oficinas oportunizam atividades musicais gratuitas a crianças e jovens da cidade de Florianópolis, sendo também espaço de formação pedagógico-musical a estudantes do curso de Licenciatura em Música da UDESC. Atuando como estagiários(as) e/ou bolsistas de extensão, os(as) licenciandos(as) envolvem-se no processo de planejamento e desenvolvimento de propostas de educação musical, com orientação semanal conduzida por professores(as) da disciplina Estágio Curricular Supervisionado, além de reuniões, também semanais, com a coordenadora das Oficinas⁸.

O público-alvo das Oficinas são crianças de 6 a 14 anos, inscritas em diferentes turmas, por faixa-etária. As aulas acontecem nas dependências do Departamento de Música, em sala equipada com diferentes instrumentos musicais. Os encontros ocorrem semanalmente com duração de 1 hora e 15 minutos. As Oficinas alinham-se a uma proposta de musicalização, não sendo direcionadas ao aprendizado de um instrumento específico. Valorizam-se as práticas criativas e colaborativas, a exploração e execução de uma variedade de instrumentos e o processo de gravação das músicas trabalhadas (principalmente aquelas compostas pelas crianças em sala de aula), além das apreciações musicais, com escutas críticas e reflexões das crianças acerca do material sonoro.

No ano de 2016 foram abertas quatro turmas, uma das quais intitulada “Oficina de Samba”⁹, proposta pioneira naque-

8 No ano de 2016, a Oficina de Samba foi desenvolvida por Carlos Eduardo Romão e Eloísa Costa Gonzaga, com orientação de Camila Costa Zanetta e coordenação de Viviane Beineke.

9 As turmas disponibilizadas em 2016, com respectivos períodos de aula e faixa-

le período. O processo de composição que será relatado neste trabalho aconteceu nessa Oficina, envolvendo oito estudantes (dois meninos e seis meninas) com idades entre 10 e 14 anos. A proposta metodológica abrangeu um trabalho com o gênero samba em suas principais matrizes: o Samba-canção, que traz a poesia como um grande pilar composicional; e as matrizes Partido Alto, Samba de Terreiro e Samba-enredo, consideradas matrizes tradicionais do samba e declaradas pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) como patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Considerando a importância do fazer musical coletivo, da vivência dos diferentes ritmos que caracterizam o gênero samba, do conhecimento histórico e da contextualização sociocultural das matrizes do samba, as atividades desenvolvidas em sala de aula articularam práticas de composição, apreciação e *performance*, assim como estudos técnicos (para aquisição das habilidades necessárias ao repertório trabalhado) e atividades de pesquisa, realizadas pelas crianças fora da sala de aula e debatidas durante os encontros.

A proposta da Oficina de Samba esteve comprometida também com políticas educacionais voltadas para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais na escola, em especial à cultura afro-brasileira (GOMES, 2010). Nessa perspectiva, buscamos oportunizar aos estudantes uma abordagem do samba que considerasse categorias sociais historicamente construídas, como classe, gênero e raça. No âmbito da educação musical, enfatizamos a importância de propostas pedagógicas voltadas para a formação integral, pensando-se o desenvolvimento – paralelo e simultâneo – de capacidades musicais e humanas.

-etária, foram: “Oficina de Musicalização” (Turma A), às quintas-feiras, no período vespertino, para crianças de 6 a 8 anos; “Oficina de Musicalização” (Turma B), às quintas-feiras, no período vespertino, para crianças de 9 a 11 anos; “Oficina de Musicalização” (Turma C), às sextas-feiras, no período matutino, para crianças de 9 a 11 anos; e a “Oficina de Samba”, aberta a crianças entre 11 e 14 anos, com aulas às quintas-feiras no período vespertino.

Entende-se por formação integral aquela voltada para além do musical. Um trabalho com a música pode, por um lado, integrar corpo e mente, razão e emoção, sensibilidade e intelecto. Por outro lado, no entanto, a prática musical coletiva, além de propiciar a vivência da dimensão estética, da potência do sensível, da arte, favorece a convivência com o outro, o respeito, o aprender a escutar, aspectos como a autodisciplina, a submissão dos interesses próprios aos do grupo, o trabalho em equipe, entre diversas outras possibilidades (ZANETTA; BRITO, 2013, p. 1026-1027).

Os educadores Hans-Joachim Koellreutter e Teca Alencar de Brito defendem a educação musical como espaço cujos planos de comunicação agreguem a convivência, as trocas e o diálogo, em vez de restringir-se aos conhecimentos musicais. Para Koellreutter, “ampliar a percepção e a consciência, superar preconceitos, pensamentos dualistas e posturas individualistas, dentre outros pontos, eram também objetivos a serem alcançados, lado a lado aos aspectos musicais” (BRITO, 2012, p. 101). Nessa perspectiva, compreende-se a educação musical como responsável por desenvolver a personalidade da criança/jovem como um todo, e não apenas como um meio para adquirir técnicas e/ou treinamento para a realização musical.

Estando a música conectada à etnicidade, ideologia, religião e sexualidade, dentre outras categorias (SOUZA, 2007), a educação musical, como meio para a formação integral do ser humano, possibilita ampliar a compreensão de mundo. Um espaço pedagógico-musical que valoriza também a convivência, o respeito, os debates, as trocas e a desconstrução de intolerâncias e de preconceitos, possibilita a ampliação das relações sociais e a autoconsciência. Ao compreender quem somos e ao nos comunicarmos com outros, ampliamos também nossa consciência de mundo.

No relato que apresentamos neste artigo, focalizamos o processo de composição e gravação da canção *Na Cartola de um Mágico*¹⁰. A composição das crianças foi inspirada na matriz sam-

10 Ouça o áudio da música em: www.materialdidatico.wixsite.com/oficinas/me-diz-quem-e

ba-enredo, que consiste em uma música feita exclusivamente para um desfile de uma escola de samba, com letra que desenvolve o enredo que a escola apresentará no desfile de carnaval anual. O tema foi escolhido coletivamente com as crianças, que decidiram homenagear Angenor de Oliveira (1908 – 1980), o “Cartola”, grande referência do samba brasileiro. Transcrevemos abaixo a letra da canção composta pelas crianças.

Na Cartola de um Mágico¹¹

Compositores: Natália, Pedro, Camilo, Felipe, Yasmin e Karol¹²

O mágico do nosso Samba Toca e canta como ninguém Aqui na Oficina o Samba decola Vou cantar Cartola

Como seu criador
Lá no morro nasceu “Mangueira”,
Em “Tempos Idos” nunca esquecidos
Nesse “Mundo que é um moinho”
“O Sol nascerá”
Acordava pra ir trabalhar
Com o peito vazio a chorar
Eu “Preciso me encontrar”
“Quem me vê sorrindo”
Pensa que eu estou alegre
Mas a minha mágoa ainda cresce
“Minha” “Senhora Tentação”
Zica, dona do meu coração
“As rosas não falam”, mas elas exalam
O Perfume da Paixão

11 As palavras entre aspas fazem referência às letras das músicas do compositor Cartola.

12 A oficina de samba era composta por uma turma de oito crianças, mas apenas seis participaram da composição, pois duas crianças não estavam frequentando a oficina naquele período.

**O mágico do nosso Samba
Toca e canta como ninguém
Aqui na Oficina o Samba decola
Vou cantar Cartola.**

O processo de composição com as crianças envolveu, inicialmente: (1) apreciação musical do gênero samba, principalmente para compreender a estrutura do samba-enredo, cuja forma e conteúdo da letra devem estar em acordo com o enredo apresentado por uma escola de samba; (2) a execução das levadas com os instrumentos característicos do samba. A partir dessas levadas as crianças definiram o arranjo da composição para a gravação, além de aperfeiçoar a técnica dos instrumentos; (3) escuta de uma base harmônica gravada no cavaquinho pelo estagiário, a partir da qual as crianças puderam debater e compreender alguns aspectos sobre o campo harmônico da composição, definindo a tonalidade da música e a escolha das palavras; (4) votação do tema pelas crianças, dentre temas propostos por elas¹³.



Figura 1: Oficina de samba (UDESC)
Fonte: Acervo pessoal das autoras.

13Um vídeo apresentando algumas cenas do trabalho pode ser visto em www.materialdidatico.wixsite.com/oficinas/videos.

Para escolher o tema, as crianças foram expondo suas ideias iniciais, com temas como super-herói, cartão postal etc., chegando a um consenso de que o tema para o samba seria um herói do povo. A partir disso, tiveram a ideia de pegar trechos de músicas do Cartola para compor a letra do samba.

As atividades de composição foram desenvolvidas com as crianças divididas em grupos menores, que depois apresentavam suas ideias para toda a turma. Esse processo de apresentação das ideias das crianças era mediado pelos estagiários, que observavam, interagiam com os grupos e procuravam valorizar o diálogo e a tomada de decisão das crianças.

Durante a composição e o arranjo do samba-enredo com as crianças, foi feito um roteiro de gravação para o estúdio. Nesse processo, as crianças puderam gravar as vozes e os instrumentos do samba-enredo e contaram também com a participação de músicos convidados que fazem parte do cenário das escolas de samba de Florianópolis/SC. Como resultado, a canção *Na Cartola de um Mágico* foi gravada no CD “Me diz quem é? Contos e cantos do mundo”, das Oficinas de Música do MUSE, cuja capa apresentamos abaixo.



Figura 2: capa do CD “Me diz quem é? Contos e cantos do mundo”¹⁴
Fonte: Oficinas de Música do MUSE. Ilustração de Diego de los Campos.

14 O CD foi gravado no Laboratório de Música e Tecnologia do Departamento de Música da UDESC, com gravação, edição e mixagem de Julio Victor Neves de Sousa. Disponível em www.materialdidatico.wixsite.com/oficinas/me-diz-quem-e.

“AS ROSAS NÃO FALAM, MAS ELAS EXALAM, O PERFUME DA PAIXÃO”: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo que permeou todas as atividades na oficina foi a compreensão do samba em perspectiva que considerasse o contexto histórico e social do gênero, apresentando às crianças as matrizes do samba pelos artistas que são referência nesse gênero musical. A escolha do tema do samba-enredo para a composição foi resultado dos diálogos com as crianças sobre a temática da educação das relações étnico-raciais.

Optamos por dar visibilidade a sambistas negros e negras, apresentando-os de forma positiva, destacando suas contribuições para a música popular brasileira, suas produções, composições e o que tal gênero representava na vida desses compositores e compositoras, não deixando de citar as desigualdades que foram construídas historicamente pelo processo da escravidão no Brasil. Além disso, acreditamos que é possível desconstruir relações de discriminação e racismo entre as crianças quando damos visibilidade aos processos de constituição social dos negros, com história, sabedoria, filosofia e arte.

No processo de composição do samba-enredo, as crianças vivenciaram práticas criativas interagindo com questões étnico-raciais, valorizando a compreensão e o diálogo na tomada de decisões. Acreditamos que processos pedagógico-musicais dessa natureza permitem transformar olhares para as relações étnico-raciais na Escola Básica e na Universidade, em trabalho construído com base em posicionamentos políticos de superação do racismo e das desigualdades raciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Leonardo. M. **Educação Musical, relações étnico-raciais e decolonização: tensões, perspectivas e interações para a Educação Básica.** Orfeu, v.3, n.2, p. 111-135, 2018.

BRITO, Teca Alencar de. **Hans-Joachim Koellreutter: Por quê?** In: JORDÃO, Gisele; MOLINA, Sérgio. (Org.). **A Música na Escola.** São Paulo: Editora Allucci & Associados Comunicações, 2012. p. 101-103.

CARVALHO, José Jorge de. **O Encontro de Saberes como uma contribuição à Etnomusicologia e à Educação Musical.** In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de. et al. **Etnomusicologia no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2016. p. 199-236.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões.** In: BRANDÃO, Ana Paula (Org.). et al. **A Cor da Cultura – Saberes e Fazeres – Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres.** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 19-25.

GOMES, Rodrigo. C. S. **Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de Música: notas sobre a operacionalização do conhecimento étnico nas práticas escolares.** Orfeu, v.3, n.2, p. 96-110, 2018.

LOPES, Nei; SIMAS, Luis Antonio. **Dicionário da história social do samba.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

LUCAS, Glaura. **Culturas musicais afro-brasileiras: perspectivas para concepções e práticas etnoeducativas em música.** In: LÜHNING, Angela; TUGNY, Rosângela Pereira de. et al. **Etnomusicologia no Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2016. p. 236-276.

PRASS, Luciana. **Saberes musicais em uma bateria de escola de samba: ou por que “ninguém aprende samba no colégio”.** Em Pauta, Porto Alegre, v.14/15, p. 5-18, 1998/1999.

QUEIROZ, Luis R. S. **Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil:** análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. Revista da ABEM, Londrina, v.25, n.39, p. 132-159, 2017.

SOUZA, Jusamara. **Cultura e diversidade** na América Latina: o lugar da educação musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 18, p. 15-20, 2007.

ZANETTA, Camila Costa; BRITO, Teca Alencar de. **Espaços para a Criação:** a improvisação em jogos cênico-musicais. Congresso Nacional da ABEM, 21, 2013, Pirenópolis / Goiás. Anais [...] Congresso Nacional da ABEM, João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 1020- 1031.

ZUBARAN, Maria Angélica; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Interloquções sobre estudos afro-brasileiros:** pertencimento étnico-cultural, memórias negras e patrimônio cultural afro-brasileiro. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 130-140, 2012.